

VIEIRA

UM dos pecados de minha vasta incultura é o muito pouco já lido a respeito do padre Antônio Vieira. Dele mesmo li uma pequena coletânea de sermões, em dois volumes, publicada pela Garnier, e uma ou outra carta; sobre ele, pouco além da biografia de J. Júlio de Azevedo. **Foi assim com interesse que desencavei um livro que estava fechado em minha estante há muito meses, «Aspectos do Padre Antônio Vieira», de Ivan Lins.**

Que um filósofo positivista escreva sobre um orador jesuíta já é coisa de provocar interesse; mas eu tinha, não sei porque, o secreto palpito de que o livro deveria ser magudo e cansativo para mim, quero dizer, discutisse teses e questões muito íora de meu apetite. Pois em duas noites eu chegava à última página, o que fez um amigo caçoar de mim dizendo que eu economizava bem, dedicando meus serões ao padre Antônio Vieira e não à rua Antônio Vieira — onde funciona o «Sacha's».

O que o livro têm de bom é isto: na base de um conhecimento profundo da vida e da obra de Vieira, além de um respeitável lastro de cultura geral, o autor fez uma obra acessível a qualquer pessoa, um livro que informa bastante sobre Vieira e ao mesmo tempo contém uma antologia de trechos de sermões e cartas.

Focalizando dos mais variados ângulos o grande padre, Ivan Lins faz dele um retrato de corpo inteiro e «tutto round». E', na verdade, espantosa a figura desse homem, esse motor humano que durou e funcionou mais de 80 anos, sempre estudando, pregando, politicando, interessado em tudo, e em tudo metido, nas côrtes da Europa, nos igarapés da Amazônia, no cárcere da Inquisição — generoso e grandioso desprendido e sarcástico, sublime e briguento prático e visionário, sabendo falar de cabeça erguida ao rei e ao Papa, e até de apostrofar com veemência o próprio Deus exposto no altar, capaz de zurzir com terrível sarcasmo os poderosos da terra e de colar o ouvido à boca do índio mais bronco para aprender sua língua e conquistar sua alma. Era, na verdade, um dos espíritos mais avançados de seu tempo, pregando a igualdade das raças, defendendo o judeu, o índio, e o negro perseguidos ou escravizados.

Apreendi muita coisa no livro de Ivan Lins, pelo que lhe agradeço. Crítica nenhuma posso fazer, mas tenho duas sugestões. Uma é que no capítulo «Vieira e os cometas» ele cite àquêle curioso trecho que neste momento não tenho à mão, em que o padre diz que os cometas são emanções da terra subidas ao céu; e outra é que abra, entre tantos que abriu, um pequeno título, «Vieira e o amor», pois sobre o amor (terrestre ou divino) pouca gente escreveu coisas tão lindas — tudo isso, está visto, em uma nova edição que a Livraria São José acabará tendo de fazer.